

AQUISIÇÃO DE MODIFICADORES DE GRAU E SENTENÇAS COMPARATIVAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Thamyres Gonçalves Gomes

Orientador: Eduardo Kenedy

Mestranda

RESUMO: Neste artigo pretende-se analisar a aquisição de adjetivos e construções com modificadores de grau e comparativas em Português Brasileiro (PB) do ponto de vista da Semântica Formal. Para tanto são feitas análises de áudios gravados com duas crianças com faixa etária entre 18 e 36 meses. O objetivo deste trabalho é fazer um levantamento dos adjetivos nas produções dessas crianças, com vistas a separá-los em classes (graduáveis e não graduáveis) e observar a ordem / estrutura das palavras (nome-adjetivo / adjetivo-nome / predicativa). Além disso, será feito um levantamento das construções com modificador de grau e comparativas. O estudo feito é do tipo longitudinal, em que são coletados dados em uma díade criança/ adulto, em áudios de 10 a 15 min semanais de fala espontânea. A hipótese deste trabalho é que crianças mesmo em fase inicial de aquisição da linguagem (AL), já utilizam em suas produções adjetivos graduáveis e não graduáveis, além de utilizar modificadores e expressões comparativas. O trabalho é justificado por haver poucas investigações em estudos de AL sob a ótica da Semântica Formal.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem; Semântica Formal; Adjetivos graduáveis e não graduáveis.

Fundamentação teórica

Este artigo está fundamentado nas teorias da Semântica Formal, da Aquisição da Linguagem, Adjetivos graduáveis e não-graduáveis, Modificadores de grau e Sentenças comparativas.

Semântica Formal

A Semântica Formal é considerada como estudo científico do significado e tem como unidade de análise a sentença. Ela faz relação entre o linguístico e o não linguístico (mundo, modelo, conceitos). Tem a função de explicitar as relações formais universais através de uma metalinguagem consistente e unívoca, a linguagem lógico-matemática.

Adjetivos graduáveis e não-graduáveis

Segundo Martinho (2007: 58) e Quadros-Gomes (2012: 141) os adjetivos podem aparecer em três estruturas distintas, podendo vir em estrutura predicativa (ex.: Essa árvore *é linda*.) ou dentro de um sintagma nominal, podendo aparecer anteposto (ex.: Era um *divino castelinho*.) ou posposto (ex.: Olha a *flor rosa*.) ao nome modificado.

Além de características estruturais, os adjetivos possuem características relacionadas a grau. Segundo Kennedy e MacNally (2005: 345-381) os adjetivos podem ser graduáveis ou não, sendo graduáveis os que permitem ser modificados pelos advérbios intensificadores (muito, pouco, bem, bastante) e podem ocorrer em construções comparativas (mais...que, menos...que, tão...quanto). Os adjetivos graduáveis estão relacionados a uma escala variável que depende do contexto. Tal como: *bonito, alto, sujo*. Já os não graduáveis são os que não permitem modificações e estão relacionados a uma escala invariável. Tal como: as cores, *grávida, redondo*.

Pode ser que em algum momento os adjetivos graduáveis sejam utilizados com modificadores ou, até mesmo, em sentenças comparativas, mas o que vamos estar analisando não é uma modificação de grau do substantivo em si e sim outros elementos envolvidos. Posso dizer, por exemplo, “Marcela está *muito* grávida.” Porém, o que eu estou levando em consideração para dizer que ela está muito grávida não é o grau de gravidez, mas sim o peso, o tamanho da barriga, a taxa de hormônio ou o tempo de gestação. O mesmo ocorre com as cores. Considerando a sentença “O seu cabelo é mais *vermelho* que o meu.” podemos observar que os adjetivos não graduáveis em determinadas situações serão utilizados como graduáveis, visto que, tipicamente, usamos mais os adjetivos graduáveis.

Aquisição da Linguagem

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual uma pessoa adquire, aprende uma língua. Seja ela oral, sinalizada, escrita, materna ou estrangeira. Aqui, nos atemos ao estudo de aquisição da linguagem oral materna, neste caso o PB.

A aquisição da linguagem oral materna se dá logo no início da vida. Crianças por volta dos 10 meses já balbuciam alguns sons pertencentes a sua língua materna, a que é falada ao seu redor. Com 1 ano e 6 meses a criança está passando pelo estágio holofráscico, ou estágio de uma palavra, em que ela é capaz de substituir uma oração inteira por uma só palavra. Por volta dos 2 anos/ 2 anos e 6 meses, a criança está passando pelo estágio de duas palavras, em que começa a combinar algumas palavras, substituindo uma oração inteira por um sintagma e por volta dos 4 anos de idade já utilizam produções parecidas com as de um adulto.

Logo, observamos que a aquisição da linguagem tem um princípio de economia, em que as crianças produzem suas sentenças, inicialmente, de forma resumida a começar pelas construções mais simples, partindo para as mais complexas. Temos como exemplo a aquisição de adjetivos, em que a aquisição de estruturas que envolvam nome/adjetivo são adquiridas mais facilmente, visto que são menos complexas que as estruturas que envolvam verbo/ adjetivo.

Metodologia

Inicialmente, crianças com faixa etária entre 18 meses e 36 meses foram procuradas. Com isso, busquei os responsáveis pelas crianças em estudo para que os mesmos assinassem os *Termos de consentimento para uso de som de voz*, em que aproveitei para recolher informações sobre os dados pessoais das crianças e para explicar aos responsáveis sobre o funcionamento da pesquisa, dizer qual é o objetivo da mesma e como os áudios devem ser gravados.

Depois, foram levantados os áudios coletados em uma díade criança/ adulto com duração de 10 a 15 min semanais. O estudo desenvolvido é do tipo longitudinal, uma vez que se apresenta como o mais adequado na busca de produção linguística por parte de crianças em fase de aquisição da linguagem, pois é um estudo minucioso feito a partir da fala espontânea da criança.

Foram levantados dados de 2 crianças (JES / GIO) pertencentes a famílias de classe média/baixa, residentes aos bairros de Campo Grande e Paciência, ambas na Zona Oeste do Rio de Janeiro, adquirindo o português brasileiro como sua 1ª língua.

Para tornar possível as análises, foi feita uma transcrição das gravações, em que busca-se registrar o mais fiel possível a fala da criança, mesmo que a transcrição fonética não tenha sido utilizada. Observações contextuais foram registradas entre parêntesis e, quando a fala da criança não foi bem identificada, foi registrada entre colchetes a forma ortográfica padrão. Além disso, foi registrada, também, a idade da criança (ano; mês; dia) antes de cada fala nos dados coletados.

Logo depois, analisei os dados a fim de detectar adjetivos graduáveis e não graduáveis, bem como as estruturas utilizadas (nome-adjetivo / adjetivo-nome / predicativa), modificadores de grau e estruturas comparativas nas produções das crianças. Observei, também, a que idade as crianças começaram a produzir tais elementos e com que frequência eles eram produzidos. Depois esses dados foram acomodados em uma tabela que serviu de alicerce para os gráficos que melhor expõem os resultados da pesquisa. Vale ressaltar a diferença no tempo de gravação de uma criança para a outra. JES foi acompanhada durante 1 ano, enquanto GIO foi acompanhada durante 4 meses.

Alguns dados encontrados em JES

Logo a seguir, estão relacionados alguns dos dados encontrados nas análises dos registros de JES, a qual foi gravada com idade inicial de 1 ano e 6 meses e com idade final de 2 anos e 4 meses.

Adjetivo graduável em posição estrutural nome/ adjetivo

JES (1;10.26): Toca depois dele avó

Mãe: Que que tem a vó? Que que tem a vó dele? Não entendi. O que que o neném falou.
Fala pra mamãe?

JES (1;10.26): Falei avó boazinha.

Adjetivo graduável em posição predicativa

JES (1;7.20): Bochechinha, bochechinha.

MÃE: Não faz isso. Depois que tomar banho.

JES (1;7.20): Tia, tia é sujo, é sujo, sujo, é sujo, é sujo.

MÃE: Quem sujou a blusa do neném?

JES (1;7.20): Mamãe.

Adjetivo graduável em estrutura não classificada

MÃE: Vamos botar a blusa.

JES (1;8.3): Ai, ai, apertada, apertada, ai, ai.

MÃE: Você não sabe esperar?

JES (1;8.3): Ai, ai, abre, abre.

MÃE: O outro braço, calma.

Adjetivo não graduável em posição estrutural nome/ adjetivo

MÃE: Vai. Toma, esfrega.

JES (1;9,22): Vovô, pegô, vovô, pego.

MÃE: Vovô pegou pra que?

JES (1;9,22): Menino, menino, minino, teimoso.

Adjetivo não graduável em posição estrutural adjetivo/nome

Não foram encontrados dados com essas características, o que já era esperado, visto que na fala dos adultos não encontramos adjetivos não graduáveis nessa posição estrutural. Com isso podemos dizer que as crianças não passam pela “fase do erro” nessas circunstâncias.

Adjetivo não graduável em posição predicativa

JES (2;1.25): Deitar.

Mãe: Que deitou nada preguiçosa, você já não deitou até demais não? Garota preguiçosa!

Jéssica não é dorminhoca?

JES (2;1.25): Não tá presa.

Mãe: Ta presa, tadinha, quem que prendeu a Jéssica?

Adjetivo não graduável em estrutura não classificada

MÃE: Você brigou com ele?

JES (1;10.12): Brigo .

MÃE: De quê que neném chamou ele?

JES (1;10.12): Sinco [Cínico]

MÃE: De cinico?

JES (1;10.12): Mei ele . [Chamei ele]

MÃE: Tadinho, Jéssica. E ele chorou?

JES (1;10.12): Choô . Seboso

Modificadores de grau

JES (1;11.2): Mãe me pega , mãe me pega

Mãe: Deixa eu terminar, falta só um pedacinho, tá? Você espera, hum? Que é isso não faz isso

JES (1;11.2): Muito bua.

Sentença comparativa

Mãe: Si ó, vai cobrir, ó, ó, pronto.

JES (2;2.9): Fecha, fecha mãe.

Mãe: Mais que isso não fecha minha filha.

JES (2;2.9): Não fecha mais.

Adjetivos inventados

Mãe: Quem o papai? Frajola?

JES (2;3.6): É, só o pernalonga bauzinho.

Mãe: Coitado você gosta dele, mais é um bruxo.

JES (2;3.6): Ele é feio.

Alguns dados encontrados em GIO

Abaixo, estão relacionados alguns dos dados encontrados nas análises dos registros de GIO, a qual foi gravada com idade inicial de 2 anos e 9 meses e com idade final de 3 anos.

Adjetivo graduável em posição estrutural nome/ adjetivo

GIO (2;9;16): Vovó.

AVÓ: Oi.

GIO (2;9;16): Vê aqui rapidinho.

AVÓ: Vê o que?

GIO (2;9;16): Hm tem muito espinho.

AVÓ: Tem espinho, é.

GIO (2;9;16): Vovó que flor lindaaaa!!!

Adjetivo graduável em posição estrutural adjetivo/nome

GIO (2;9;16): Eu peguei no seu lindo telefoninho da Minie.

Adjetivo graduável em posição predicativa

AVÓ: Conta a história pra vovó ouvir.

GIO (2;9;0): Era uma vez Malfalda e é diviiiino casteliinho de tão gandinho

Adjetivo graduável em estrutura não classificada

AVÓ: Quem é essa ai?

GIO (2;9;0): Piquinininha.

AVÓ: Você é minha de-lí-cia!

GIO (2;9;0): Piquinininha, piquinininha..

Adjetivo não graduável em posição estrutural nome/ adjetivo

GIO (2;9;0): É o tubalão.

AVÓ: Caramba! O tubarão quer pegar o peixinho.

GIO (2;9;0): É o pexinho vemeio. O tubalão ta peso e o pexinho ta no coiso du tubalão.

Adjetivo não graduável em posição estrutural adjetivo/nome

Não foram encontrados dados com essas características, o que já era esperado, visto que na fala dos adultos não encontramos adjetivos não graduáveis nessa posição estrutural.

Com isso podemos dizer que as crianças não passam pela “fase do erro” nessas circunstâncias.

Adjetivo não graduável em posição predicativa

GIO (2;9;0): É morre. Vovó pica [pega] pa você uma forzinha minha piquinininha.

AVÓ: Não tem mais. Ali tem muito espinho.

GIO (2;9;0): Vovó, é oncinha [rosinha]. E eu tenho forzinha vermelha.

Adjetivo não graduável em estrutura não classificada

AVÓ: Ta rindo, ta rindo.

AVÔ: Olha como é que ela aponta.

GIO (2;10;12): Ei ta um mosto [monstro] muito feio. Aqui o mosto [monstro] muito feio.

AVÓ: Nossa! Muito feio né Giovana?!

Modificadores de grau

GIO (2;10;12): Qui isso?

AVÓ: Isso é um tatu.

GIO (2;10;12): Tatu?

AVÓ: É.

GIO (2;10;12): Tatu muto feio.

Sentença comparativa

AVÓ: Mas a vovó não consegue pegar, ta longe...

GIO (2;9;0): Não, gi faje gim fica grande, bem grande você e e você ficá bem grande, grande e ai você pega a florzinha piquena gual.

Adjetivos inventados

GIO (2;10;12): Dexa...

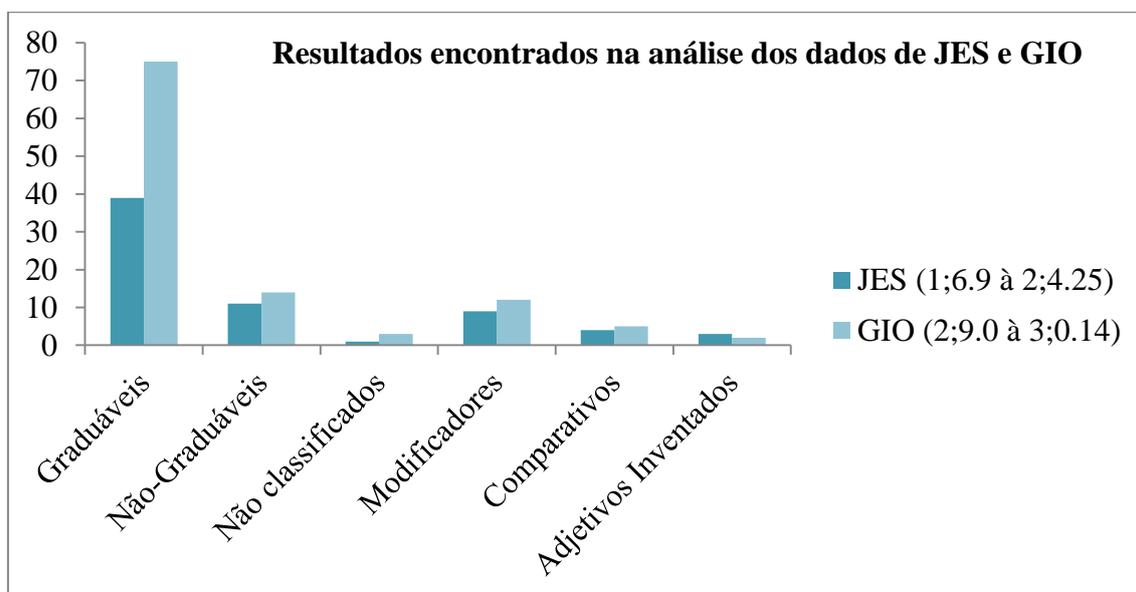
AVÓ: Vai abri o galo.

GIO (2;10;12): O galo piche não. O galo priche não?

AVÓ: O galo triste?

GIO (2;10;12): Não.

Resultados:



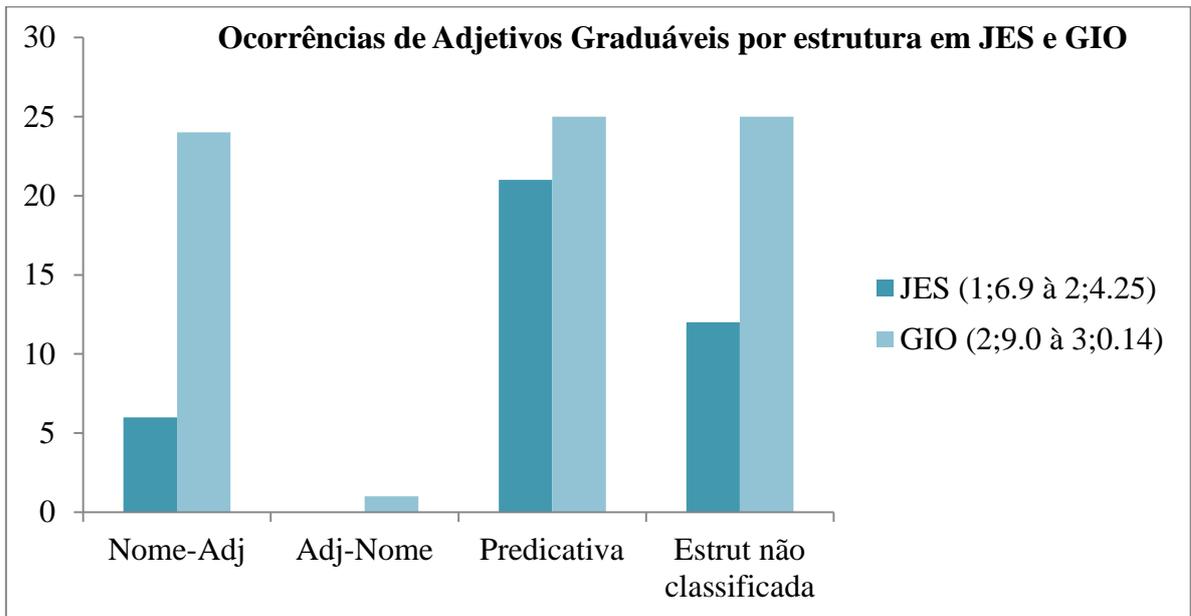
12

Nesse gráfico, podemos observar qual foi o resultado obtido nas análises das duas crianças, GIO e JES. O qual mostra que os adjetivos graduáveis são os mais utilizados nas produções das duas crianças, o que, provavelmente, está relacionado ao padrão da língua adulta. E, além disso, mostra que as crianças preferem utilizar em suas produções adjetivos não modificados, a usar modificados, ou seja, com modificadores.

As estruturas comparativas quase não são utilizadas nessa fase.

¹ Em *Não classificados* foram colocados todos os adjetivos, que foram classificados por sua colocação na frase, mas que não conseguimos descobrir em que classe esse se encaixa.

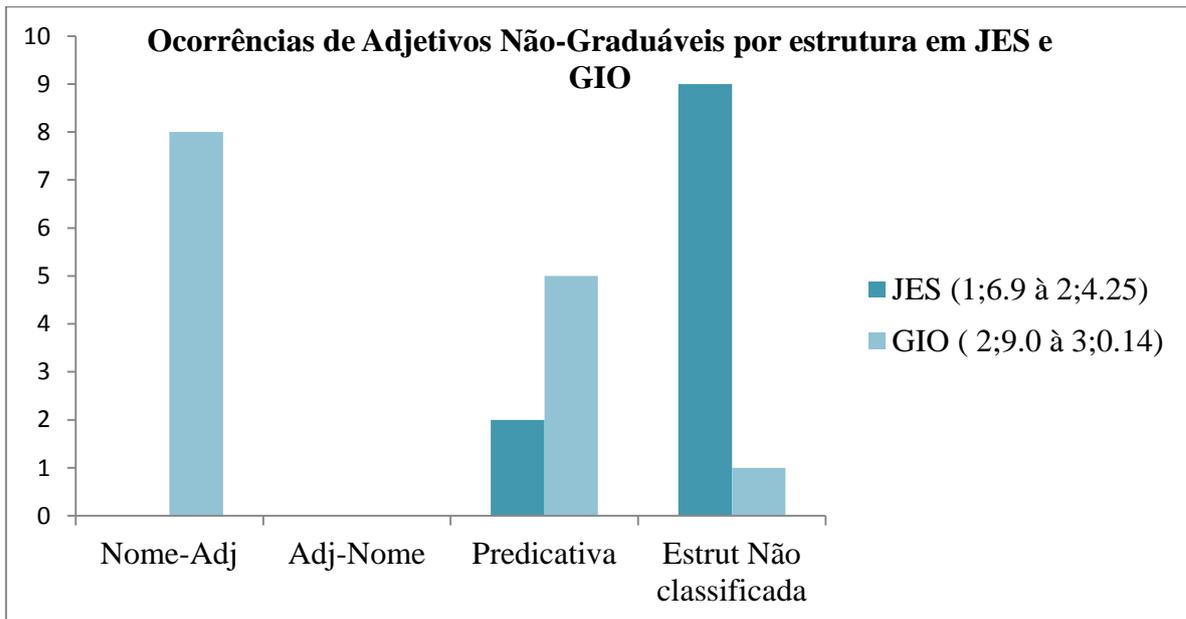
² Nos adjetivos inventados, estão as ocorrências em que observamos ser um adjetivo, mas não era possível classificá-los visto que eram inventados pelas crianças.



Nesse gráfico observamos as ocorrências de adjetivos graduáveis e a sua distribuição com relação as estruturas. Como podemos ver, as crianças preferem utilizar os adjetivos nas estruturas predicativas e dentro do sintagma nominal, vindo posposto ao nome.

A parte que compete a estrutura não classificada, que também está tendo preferência, foi preenchida com os adjetivos que sabíamos se eram graduáveis ou não, mas não sabíamos em que estrutura se encaixavam.³

³ Pensei que esse evento fosse mais provável ocorrer nas primeiras seções de JES visto que ela estaria no estágio de uma palavra, mas a GIO teve mais ocorrências que a JES, isso em menos seções.



Nesse gráfico observamos as ocorrências de adjetivos não graduáveis com relação as estruturas utilizadas pelas crianças. Aqui é possível observar que a GIO fez mais uso de adjetivos não graduáveis em menos seções que a JES e que a GIO teve preferência pela estrutura nome/adj e que não podemos dizer qual foi a preferência de JES, visto que ela utilizou muitos adjetivos “soltos” em estrutura não classificada. Além disso, podemos observar que não houve dados registrados para adjetivos não-graduáveis na estrutura adj-nome, o que já era esperado visto que a criança “copia” a gramática do adulto e não passa pela dita fase do erro, levando em consideração que não existe no Português Brasileiro construções nessa posição (ex.: *grávida* mulher / *redondo* bolo).

Conclusão

Como os gráficos mostram, as duas crianças em análise utilizam em suas produções adjetivos graduáveis e não graduáveis, modificadores de grau e comparativas. Os adjetivos graduáveis são os mais utilizados e essa preferência pode estar relacionada ao padrão da língua adulta. Além disso, percebemos que as crianças preferem utilizar os adjetivos não modificados a utilizar os modificados e que as estruturas a que elas dão preferência são predicativa e nome/adjetivo. O que está de acordo com nossa hipótese.

REFERÊNCIAS

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language* 81, n.2, p. 345-381, 2005.

MARTINHO, Fernando Jorge dos Santos. *Sintaxe e Semântica dos Adjetivos graduáveis em Português*. 2007. 518 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação). Curso Linguística, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 2007.

QUADROS GOMES, Ana Paula. A gramática dos adjetivos de grau no português culto. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (org.). *História do português paulista – Modelos e análises*. 1 ed. Campinas, São Paulo: Unicamp/publicações:IEL, 2012, v.III, p.141-169.